



A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática

Rafael Dias Minussi (UNIFESP)*
Vitor Augusto Nóbrega (USP – CNPq)^{1*}

RESUMO: O presente artigo discute a interface sintaxe-pragmática na formação de palavras, mais especificamente, os efeitos estilísticos causados pela redução de segmentos fonológicos encontrados nos *blends* (e.g., *bebemorar* < *beber* + *comemorar*). Dentro de uma visão não-lexicalista de gramática, viz. a Morfologia Distribuída, defendemos que o *input* para os efeitos pragmáticos é dado pelo acesso da Enciclopédia – comumente conhecida por Lista 3 – ao componente morfológico. Esse acesso desencadeia (i) o apagamento de segmentos fonológicos presentes nos Itens de Vocabulário (IV), (ii) a sobreposição de segmentos fonológicos idênticos, ou (iii) a substituição de um IV por outro a partir da avaliação dos traços enciclopédicos presentes na Lista 3.

Palavras-chave: Enciclopédia; *blending*; interface sintaxe-pragmática; Morfologia Distribuída.

Introdução

Com vias a ampliar a discussão sobre a interface sintaxe-morfologia e, ao mesmo tempo, sobre a interface sintaxe-pragmática, colocamos em discussão a organização da gramática em uma abordagem não-lexicalista, a saber, a Morfologia Distribuída (doravante MD, cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; EMBICK; NOYER, 2007), ao questionar os pontos de acesso em que a Enciclopédia – comumente conhecida como Lista 3 – pode influenciar na derivação de um objeto qualquer.

Como é sabido, a gramática delineada pela MD retira o léxico de sua arquitetura e distribui suas informações em diferentes pontos da gramática, através de três listas. Uma consequência dessa ruptura arquitetônica é que as palavras deixam de ter um estatuto privilegiado – pois não são mais formadas em um componente especializado – e passam a ser geradas no

* Membros dos Grupos de Pesquisa: GREMD (Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída-USP) e InFoLiC (Investigações (In)formais em Língua(gem) e Cognição-UNIFESP).

¹ Agradeço ao CNPq pelo auxílio financeiro concedido à minha pesquisa (Processo 134069/2012-9).

mesmo espaço computacional em que as sentenças, a partir das mesmas operações (viz., *Merge* e *Move*).

Dessa forma, o que temos em mãos é um aparato teórico em que a interface entre a sintaxe e a morfologia inexistente, pois a estrutura morfológica é estrutura sintática, e qualquer interface entre níveis que leve em consideração a formação das palavras é uma interface com a sintaxe. Dentro desse panorama, nossa questão principal é verificar a distribuição dessas listas pela gramática, mais especificamente, a distribuição dos pontos a que a Enciclopédia (doravante, Lista 3), ou seja, o repositório de significados especiais – tanto das raízes quanto de objetos construídos sintaticamente – tem acesso na arquitetura da gramática.

Enquanto as demais listas assumidas pelo modelo – a saber, a Lista 1, detentora dos primitivos com os quais a gramática opera², e a Lista 2, a lista dos Itens de Vocabulário (doravante, IV)³ – gozam de uma posição bem estabelecida nas principais propostas, a Lista 3 ora tem acesso apenas à interface semântica (LF) (cf. MARANTZ, 1996, 1997; HARLEY; NOYER, 2000; HARLEY, no prelo), ora tem acesso tanto à interface semântica (LF) quanto à interface fonética (PF) (cf. EMBICK; NOYER, 2007; SIDDIQI, 2009) via a interface conceitual, com as respectivas consequências operacionais.

Nesse contexto, embora assumamos que a Lista 3 tem acesso a ambas as interfaces via a interface conceitual, apresentamos, no presente artigo, um conjunto de dados que sugere um acesso adicional à Lista 3, não restrito apenas às interfaces, mas também ao componente morfológico, o qual será responsável por desencadear efeitos estilísticos nas estruturas geradas pela sintaxe⁴. Esse conjunto de dados concentra-se nos casos de morfologia não-concatenativa do português brasileiro (doravante, PB), mais especificamente, naqueles em que há redução ou sobreposição de segmentos fonológicos, tais como *blends* (e.g., *apartamento* < *apartamento* + *apertado*⁵), truncamentos (e.g., *cerva* < *cerveja*) e hipocorísticos (e.g., *Leo* < *Leonardo*). Iremos nos deter apenas nos primeiros dados, embora acreditemos que a motivação para a redução de segmentos fonológicos dos demais processos seja decorrente do acesso da Lista 3 ao componente morfológico.

Com isso, buscamos fornecer uma explicação para os três diferentes tipos de *blends* atestados no PB, a saber: (i) *blends* fonológicos (i.e., aqueles em que há a presença de um ou mais segmentos fonológicos idênticos sendo sobrepostos, e.g., *roubodízio* < *roubo* + *rodízio*), (ii) *blends* morfológicos (i.e., aqueles em que não há sobreposição de segmentos, e ambas as palavras-fontes são truncadas, e.g. *cariúcho* < *carioca* + *gaúcho*) e os (iii) *blends* semânticos (i.e., aqueles em que há uma reanálise semântica de um conjunto de segmentos fonológicos de uma das palavras-fontes, e.g. *madrasta* → /má/ > /boa → *boadrasta*), argumentando que todos são

² A saber, raízes e feixes de traços gramaticais, cf. Seção 2.

³ Ou seja, regras que fornecem o conteúdo fonológico aos feixes de traços gramaticais, cf. Seção 2.

⁴ Tomamos uma posição semelhante à de Chomsky (2001), que assume alguns movimentos de constituintes ocorrendo no ramo de PF a fim de gerar efeitos estilísticos, os quais são chamados de “movimentos estilísticos” (do inglês, *stylistic movements*).

⁵ Um dos pareceristas anônimos sugeriu que existe outra leitura possível para o *blend* *apartamento*, a saber *apartamento* + *aperto*, por questões de compatibilidade ou economia. Acreditamos, no entanto, que as palavras-fontes desse *blend* sejam *apartamento* + *apertado*, uma vez que essa configuração mantém uma relação com a estrutura sintagmática possível da língua, ao contrário de **apartamento aperto*.

resultado de um *input* enciclopédico, e que suas diferenças superficiais decorrem, em grande medida, da presença ou não de segmentos fonológicos idênticos.

Como consequência, ousamos em assumir que traços enciclopédicos, ou seja, informações concernentes ao nosso conhecimento de mundo, têm influência no preenchimento fonológico dos nós terminais gerados pela sintaxe. Em nossa visão, o *input* para os casos de uma clara interface sintaxe-pragmática, especificamente no que compete a questões estilísticas, é resultado de um *input* enciclopédico no componente morfológico da gramática, o qual desencadeia a sobreposição ou apagamento de segmentos fonológicos dos IVs inseridos nos nós terminais, tal como ocorre nos *blends* fonológicos e morfológicos, ou a troca de um IV por outro, tal como ocorre nos *blends* semânticos. Com isso, uma vez que o *input* é de ordem semântico-enciclopédica⁶, a sobreposição de segmentos fonológicos será vista como epifenomenal e não como um ponto de partida para a formação dos *blends*.

O artigo, portanto, segue estruturado da seguinte maneira: na seção 1, descrevemos os *blends*, apresentando suas propriedades gerais e sua relação com os demais processos morfológicos, dando maior visibilidade aos dados do PB. Argumentaremos que os *blends* não são um tipo de composição, mas sim construções sintagmáticas reduzidas fonologicamente. Na seção 2, discutimos os problemas levantados por esses dados na MD, que assume a inserção tardia, ou seja, pós-sintática, dos traços fonológicos, com vias a demonstrar como o modelo é capaz de explicar os casos de morfologia não-concatenativa. Em seguida, defenderemos que o *input* para a formação dos *blends* é semântico-enciclopédico, e não essencialmente fonológico, como é geralmente assumido na literatura, o que promove uma revisão na arquitetura da gramática desse modelo. Na seção 3, derivamos os *blends* passo-a-passo, atendo-nos, mais demoradamente, à formação dos *blends* semânticos, para demonstrar como o cálculo de traços enciclopédicos é feito a fim de permitir a reanálise de segmentos fonológicos. Por fim, na seção 4, concluímos trazendo as considerações finais do trabalho.

1. Os efeitos estilísticos da morfologia não-concatenativa: o caso dos *blends*

Os *blends* são, geralmente, descritos como um processo morfológico em que há a fusão estrutural de duas palavras-fontes^{7,8}:

- | | | | | |
|-----|----|------------|---|---|
| (1) | a) | chafé | < | chá + café |
| | b) | lixeratura | < | l ix o + l it eratura |
| | c) | boacumba | < | boa + macumba |

⁶ A influência enciclopédica aqui aludida deve ser entendida como a própria interferência pragmática na gramática, responsável pelos casos de marcas morfológicas referentes à formalidade social – comum em línguas asiáticas, tal como o japonês (e.g., *-masu* na morfologia verbal, utilizado em contextos polidos de fala), e efeitos estilísticos, tal como aqueles causados pela morfologia não-concatenativa no PB.

⁷ A literatura em português traz, também, outros nomes para o processo, tais como *cruzamento vocabular* (SANDMANN, 1990; 1991), *palavra-valise* (ALVES, 1990) e *mesclagem lexical* (GONÇALVES, 2004). Optamos pelo termo *blend*, do inglês, por ser mais recorrente no linguajar morfológico.

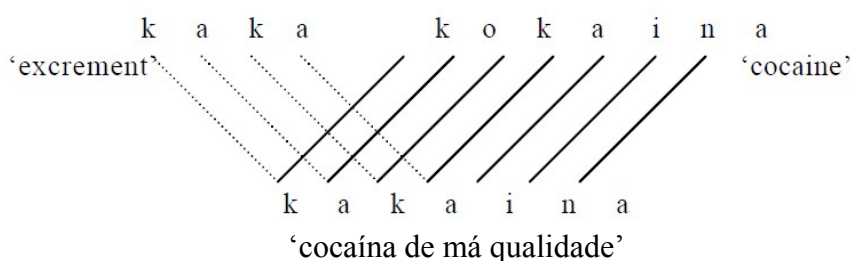
⁸ Não estamos interessados nos erros de fala que resultam em *blends* não-intencionais, tais como aqueles discutidos em Gries (2004) e Pfau (2009). Consideraremos somente os *blends* que foram criados intencionalmente.

d) cartomente < cartomante + mente

Esse processo de formação de palavras é atestado em uma ampla variedade de línguas (cf. BAT-EL, 1996; PHAM, 2011, para o hebraico moderno; BAUER, 1983, GRIES, 2004, para o inglês; KUBOZONO, 1990, para o japonês; RALLI; XYDOPOULOS, 2011, para o grego moderno; PIÑEROS, 2000, para o espanhol; BRDAR-SZABÓ; BRDAR, 2008, para o húngaro e o croata) e foi tratado a partir de diferentes pontos de vista, começando pela abordagem psicanalítica de Freud (1996 [1905]).

Nos principais trabalhos sobre o tema, a característica mais explorada é a de seus aspectos fonológicos, o que é influenciado, em grande medida, pela sobreposição ou apagamento de segmentos fonológicos nos dados. Com isso, quando o assunto é o *blending*, encontramos uma gama de trabalhos que procuram encontrar restrições de boa formação associadas às similaridades fonológicas entre as palavras-fontes, e, por esse motivo, é que comumente se postula que o *input* imediato para a formação de um *blend* é fonológico (cf. KUBOZONO, 1990; BAT-EL, 1996; PIÑEROS, 2000; GONÇALVES, 2006), tal como pode ser ilustrado com a representação de Piñeros (2000), em que *kakaina* ‘cocaína de má qualidade’ é formada a partir dos segmentos comuns entre *kaka* ‘excremento’ e *kokaina* ‘cocaína’:

(2)



Essa redução de segmentos fonológicos gera outra característica comum aos *blends*, nomeadamente, a produção de um efeito estilístico, relacionado ao cômico e ao jocoso⁹. Nesse ponto, encontramos uma primeira evidência para um *input* semântico-enciclopédico na formação desses dados, pois o caráter cômico é derivado da oposição semântica entre as palavras-fontes (e.g., *boilarina* < *boi* + *bailarina*), ou da modificação causada por uma das palavras-fontes (e.g., *apartamento* < *apartamento* + *apertado*). O que não encontramos, por outro lado, é a mesclagem entre palavras-fontes sem qualquer relação semântica entre si que possibilite um efeito cômico ou jocoso.

Além disso, a sobreposição ou apagamento de segmentos fonológicos não gera efeitos estilísticos sempre que se aplica, levando-se em consideração a redução de segmentos de um ponto de vista translinguístico. No japonês, por exemplo, a redução de segmentos fonológicos é uma restrição fonológica imposta pela gramática, e nem sempre gera um *blend*, o que pode ser verificado nos truncamentos de empréstimos de compostos. Nishihara, van de Weijer e Nanjo

⁹ Informação já descrita em Sandmann (1990), a partir dos dados *bestarel* < *besta* + *bacharel*, *bordela* < *bordel* + *novela*, *esquerdofrênico* < *esquerda* + *esquizofrênico*, e *maluficio* < *Maluf* + *maleficio*.

(2001) mostram que o apagamento de segmentos fonológicos visa adequar o empréstimo de uma palavra composta a uma forma com duas unidades bimoraicas (2+2), já que a estrutura prosódica básica no japonês é bimoraica, porém sem gerar qualquer efeito estilístico. Exemplos desses dados estão elencados em (3):

- (3) a) *hebi metaru* → *hebi-meta* de *heavy metal* ‘heavy metal’
 b) *rajio kassetto rekoodaa* → *raji-kase* de *radio cassette recorder* ‘rádio cassete’
 c) *paasonaru konpyuutaa* → *paso-kon* de *personal computer* ‘laptop’
 d) *pantii sutokkingu* → *pan-suto* de *panty stockings* ‘meia calça’
 (ITÔ, 1990, p. 220 *apud* NISHIHARA; van de WEIJER; NANJO, 2001, p. 300)

De fato, o que há de mais saliente na formação dos *blends* é o apagamento ou sobreposição de segmentos, porém, isso parece ocorrer somente quando há uma motivação semântica para a mesclagem, a qual viabiliza os efeitos estilísticos encontrados. Tal é o fato de que nem todos os *blends* ocorrem pela sobreposição ou apagamento de segmentos fonológicos, como é o caso dos *blends* semânticos, que serão vistos mais abaixo.

Do ponto de vista morfológico, alguns autores consideram o *blending* um processo de formação de palavras semelhante à composição (cf. KUBOZONO, 1989; SANDMANN, 1990, 1991). Sandmann (1991), que tratou especificamente do PB, define o *blending* como um tipo de composição, distinguindo-se desse último apenas “porque seus elementos formadores, todos ou ao menos um, sofrem diminuição de seu corpo fônico” (1991, p. 76). Além dessa característica citada por Sandmann (*op. cit.*), outras características semelhantes que aproximam o *blending* da composição podem ser mencionadas:

- (4) a) *Blends* são formados por dois elementos com conteúdo semântico;
 b) *Blends* permitem as mesmas relações gramaticais expressas nos compostos, por exemplo: subordinação, atribuição e coordenação;
 c) *Blends* combinam as mesmas categorias gramaticais que um composto a fim de formar uma nova palavra, por exemplo: N+N *ator-diretor/prostiputa* <*prostituta* + *puta*; V+V *bate-volta/bebemorar* <*beber* + *comemorar*; N+A *ano novo/gayúcho* <*gay* + *gaúcho*, etc.

As relações gramaticais mencionadas em (4)b) estão definidas em (5). Essas relações caracterizam a estrutura interna dos compostos e são, basicamente, as mesmas relações presentes entre sintagmas (cf. BISETTO; SCALISE, 2005; SCALISE; BISETTO, 2009). Uma vez que tais relações, estritamente sintáticas¹⁰, estão presentes na constituição interna dos *blends* – como pode ser visto na Tabela 1 – temos uma segunda evidência de que a formação dos *blends* não deve decorrer, primeiramente, de aspectos fonológicos, pois é preciso garantir que essas relações gramaticais sejam estabelecidas internamente aos *blends* antes da mesclagem. Em nossa visão, a estrutura a ser mesclada é formada por um único componente gerativo, no qual também os compostos e os sintagmas são formados, a saber, a sintaxe.

¹⁰ Para ver mais sobre a derivação sintática dessas relações gramaticais nos compostos, cf. Nóbrega (2014).

(5) *Relações gramaticais internas à composição* (BISETTO; SCALISE, 2005; SCALISE; BISETTO, 2009):

- a) **Subordinação:** relação predicado-argumento;
- b) **Atribuição:** relação núcleo-modificador;
- c) **Coordenação:** relação conjuntiva (estabelecida por uma conjunção *e* ou *ou*).

Subordinados	Atributivos	Coordenados
- <i>cartomante</i> < <i>cartomante</i> + <i>mente</i> ¹¹	- <i>matel</i> < <i>mato</i> + <i>motel</i>	- <i>namorido</i> < <i>namorado</i> + <i>marido</i>
- <i>Berluscome</i> < <i>Berlusconi</i> + <i>come</i>	- <i>lixeratura</i> < <i>lixo</i> + <i>literatura</i>	- <i>brasiguaio</i> < <i>brasileiro</i> + <i>paraguaio</i>
	- <i>monstruação</i> < <i>monstro</i> + <i>menstruação</i>	- <i>proesia</i> < <i>prosa</i> + <i>poesia</i>
	- <i>caligrafeia</i> < <i>caligrafia</i> + <i>feia</i> ¹²	- <i>cantriz</i> < <i>cantora</i> + <i>atriz</i>
	- <i>sucolé</i> < <i>picolé</i> + <i>suco</i> >	- <i>abreijos</i> < <i>abraços</i> + <i>beijos</i>
	- <i>impastor</i> < <i>impostor</i> + <i>pastor</i>	

Tabela 1: Distribuição das relações gramaticais internas aos *blends*.

Contudo, embora pareça existir uma semelhança entre o *blending* e a composição, a grande maioria da literatura assume que o *blending* é resultado de um encurtamento (cf. ADAMS, 1973; CANNON, 1986; KELLY, 1998; LÓPEZ RÚA, 2002; GONÇALVES, 2003a, 2003b, 2006). Gonçalves (2003a, 2003b), baseado em Piñeros (2000), traz um conjunto de argumentos fonológicos para assumir que os *blends* possuem características diferentes daquelas encontradas nos compostos:

- (6) a) *Blends* são diferentes de compostos, pois os primeiros são um caso claro de morfologia não-concatenativa. A sequência linear estrita das bases é frequentemente quebrada pela sobreposição de segmentos, por exemplo: *sacolé* < *saco* + *picolé*;

¹¹ Um dos pareceristas anônimos sugere a possibilidade de existir uma leitura atributiva para o *blend* *cartomente*, partindo da paráfrase “cartomante que mente”. Tendo em vista que uma das palavras-fontes que constitui o *blend* é um núcleo verbal, levamos em consideração, primeiramente, a leitura habitual presente em “cartomante mente”, garantindo a saturação argumental desse verbo na sintaxe. A leitura mencionada pelo parecerista pressupõe a presença de um complementizador, o qual não está realizado abertamente no *blend*. Nesse sentido, há duas possibilidades para a leitura sugerida: (i) o complementizador é fonologicamente nulo, ou (ii) o núcleo verbal funciona como um modificador, algo incomum no PB.

¹² Um dos pareceristas anônimos indagou a respeito da posição do núcleo em *blends* atributivos como *monstruação*, em que o núcleo está à esquerda (i.e., *menstruação*), ao contrário do *blend* *caligrafeia*, em que o núcleo está à direita (i.e., *grafia*). Isso decorre do fato de que uma das palavras-fontes em *caligrafeia* é neoclássica, ou seja, oriunda do grego. De modo geral, as palavras formadas por essas unidades têm sempre o núcleo à direita (e.g., *antropomorfia*, *hidrologia*, etc.)

- b) *Blends* são caracterizados pela intersecção de bases (e não pelo encadeamento de bases);
- c) Compostos preservam a ordem linear de seus elementos constituintes, de modo que o segundo constituinte começa exatamente no ponto em que o primeiro elemento termina (e.g., *baba-ovo*), mesmo quando algum segmento é apagado por crase (e.g., *aguardente* < *água* + *ardente*), elisão (e.g., *planalto* < *plano* + *alto*) ou haplologia (e.g., *dedurar* < *dedo* + *duro*)¹³.

De um ponto de vista translinguístico, Bat-El (1996) e Pham (2011), para o hebraico moderno, e Ralli e Xydopoulos (2011), para o grego moderno, apresentam argumentos morfológicos contra a afirmação de que *blends* são compostos. No hebraico moderno, por exemplo, enquanto um nome núcleo de um composto N+N recebe Caso genitivo, o artigo definido *ha-* aparece apenas prefixado ao primeiro membro, e o morfema de plural (*-ey* - marca de masculino plural) aparece apenas sufixado ao segundo membro (e.g., *batey ha-holim* lit. casa.MASC.PL DEF-doentes ‘o hospital’). Por outro lado, os *blends*, no hebraico, comportam-se como palavras simples, isto é, o ponto interno entre as duas palavras-fontes não serve como um lugar para afixação morfológica.

No grego moderno, por sua vez, a ausência do elemento de ligação (*-o-*) nos *blends*, considerado um marcador de compostos nessa língua (cf. RALLI, 2008), é uma evidência contra a análise de *blends* como compostos (e.g., composto: *nixt-o-lúluðo* lit. noite-EL¹⁴-noite ‘flor da noite’, *blend*: *aerajitó* ‘comida servida em aviões’ < *aéras* ‘ar’ + *fajitó* ‘comida’; cf. RALLI; XYDOPOULOS, 2011, p.37).

Essas observações tornam difíceis a assunção de que *blends* se comportam como verdadeiros compostos. Por esse motivo, assumimos que os *blends* são estruturas sintagmáticas encurtadas, na linha dos autores mencionados acima, porém com diferentes formas de externalização, as quais serão detalhadas na seção 3.

Com isso, podemos nos perguntar quais as condições mínimas para a formação de um *blend*. Se tomarmos que a presença de um ou mais segmentos fonológicos comuns nas duas palavras-fontes é um critério, percebemos que isso não pode ser tido como um fator necessário. Evidências contra essa condição mínima são dadas pelos exemplos *boacumba* < *boa* + *macumba*, *showmício* < *show* + *comício* e *acãoxonado* < *apaixonado* + *cão*, em que a ausência de segmentos fonológicos idênticos não bloqueia a formação do *blend*.

Outra possível condição mínima seria dizer que as palavras-fontes que dão origem aos *blends* são apenas palavras, desconsiderando a possibilidade de um *blend* ser formado por radicais. No entanto, ao observarmos os *blends* do grego moderno, apresentados por Ralli e Xydopoulos (2011), verificaremos que esses são formados por um radical na primeira posição e uma palavra na segunda posição, tal como nos dados *vláma* ‘muito estúpido’ < *vlá(kas)* ‘estúpido’+ (*vli*)*ma* ‘grosso’, e *jiroíni* ‘viciado em kebab’ < *jír(os)* ‘kebab’ (*ir*)*oíni* ‘heroína’, excluindo a aparente exigência de que um *blend* requer sempre duas palavras para sua formação.

¹³ Como notado por um parecerista anônimo, as assimilações observadas nesses exemplos são diferentes das assimilações vistas em compostos como *olho d’água* e *entra-e-sai* (‘entrissai’).

¹⁴ EL = Elemento de Ligação.

Basilio (2010) assume que a presença de uma relação de modificação entre as palavras-fontes é uma condição mínima. Vimos, contudo, na Tabela 1, que a relação de modificação – aqui chamada de atribuição – é uma dentre as possíveis relações gramaticais entre as palavras-fontes de um *blend*, além da subordinação e da coordenação. À guisa de exemplificação, trazemos dados em que a relação entre as palavras-fontes é de coordenação, como em *brasiguaião* < *brasileiro* + *paraguaio*, e de subordinação, como em *berluscome* < *Berlusconi* + *come*. Na verdade, o que parece ser bem comportado nesse processo são os aspectos relativos à composicionalidade, ou seja, o significado de um *blend* é composto do significado de suas palavras-fontes (cf. GONÇALVES, 2003a, 2003b; BAT-EL, 2006), independentemente das relações presentes entre elas.

Passando, a partir de agora, para os *blends* do PB especificamente, trazemos a divisão interna desse processo de formação de palavras, proposta por Basilio (2005) e Gonçalves e Almeida (2007)¹⁵. Com base nessa divisão, a formação dos *blends* distribui-se por três categorias gerais de acordo com critérios morfofonológicos, conforme descrito na Tabela 2, abaixo:

<i>Blends</i> Fonológicos	<i>Blends</i> Morfológicos	<i>Blends</i> Semânticos
- presença de um ou mais segmentos fonológicos idênticos sobrepostos.	- ausência de quaisquer segmentos fonológicos idênticos nas palavras-fontes; -truncamento de uma ou de ambas as palavras fontes.	- reanálise semântica de uma parte dos segmentos fonológicos de uma das palavras-fontes; - substituição do segmento fonológico reanalisado por segmentos fonológicos equivalentes ao de outra raiz com traços enciclopédicos distintos.
Por exemplo: - <i>matel</i> < <i>mato</i> + <i>motel</i> - <i>roubodízio</i> < <i>roubo</i> + <i>rodízio</i>	Por exemplo: - <i>cariúcho</i> < <i>carioca</i> + <i>gaúcho</i> - <i>portunhol</i> < <i>português</i> + <i>espanhol</i>	Por exemplo: - <i>boacumba</i> < (<i>má</i>)- <i>cumba</i> - <i>bebemorar</i> < (<i>come</i>)- <i>morar</i>

Tabela 2: Classificação dos *blends*.

Diante da descrição geral feita nesta seção e da classificação apresentada na Tabela 2, visamos fornecer uma explicação formal uniformizada para esses dados. Porém, antes de partir para os passos da análise, levantamos duas questões centrais que serão discutidas no decorrer do artigo, que são: (i) os tipos de *blends* da Tabela 2 são formados no mesmo ponto da gramática, ou

¹⁵ Adaptamos a nomenclatura utilizada pelos autores com o intuito de simplificar as referências aos tipos atestados. Dessa forma, “entranhamento lexical” está para *blend* fonológico, “combinação truncada” está para *blend* morfológico e “reanálise” está para *blend* semântico.

esse processo de formação de palavra se distribui por diferentes componentes?; (ii) como explicar a reanálise semântica dos segmentos fonológicos que ocorre nos *blends* semânticos em uma visão separacionista de gramática¹⁶?

Na próxima seção, descreveremos o modelo de gramática assumido neste trabalho, a fim de buscarmos uma explicação para as perguntas levantadas acima. Tendo em vista que esse modelo assume a inserção tardia para a fonologia, decorrente de sua visão separacionista de gramática, elencamos três hipóteses de como a derivação de um *blend* poderia proceder:

- (7) *Hipóteses sobre a derivação de um blend em uma visão não-lexicalista*
- a) **Hipótese 1:** *Blends* são derivados na sintaxe como um núcleo complexo que carrega um núcleo funcional responsável por desencadear seu encurtamento no componente fonológico;
 - b) **Hipótese 2:** *Blends* são o resultado de um reajuste na estrutura gerada pelo componente sintático, realizado pelas operações pós-sintáticas do componente morfológico, tal como fusão de nós terminais sintáticos;
 - c) **Hipótese 3:** *Blends* são o resultado de uma mesclagem abrupta no componente fonológico.

Essas hipóteses serão discutidas detalhadamente na seção 3 deste artigo.

2. A Morfologia Distribuída: entre a inserção tardia e o conhecimento enciclopédico

A MD é uma abordagem não-lexicalista de gramática, na qual as interfaces entre a sintaxe e a morfologia são consideradas transparentes, uma vez que um de seus pressupostos básicos é a existência de um único sistema gerativo responsável pela formação tanto de palavras quanto de sentenças: a sintaxe. Com isso, o que era tipicamente assumido como informação localizada no léxico e como parte das entradas lexicais, passa a ser, nesse modelo, distribuído em três listas ao longo da arquitetura da gramática (cf. MARANTZ, 1997):

-Lista 1: contém os elementos primitivos que entrarão na computação sintática, nomeadamente: a) os *morfemas abstratos*, que são feixes de traços, tais como [+passado], [+ pl] e b) as *raízes* ($\sqrt{\quad}$), que são acategoriais e desprovidas de conteúdo fonológico¹⁷;

-Lista 2 (Vocabulário): contém os *Itens de Vocabulário* (IV), que são conexões entre o conjunto de traços gramaticais presentes nos nós terminais sintáticos e seus traços fonológicos. IVs são regras que associam os contextos sintáticos com material fonológico, isto é, os expoentes fonológicos com a especificação do contexto de inserção, pois, não há nenhuma informação de natureza fonológica presente na computação sintática;

¹⁶ Visões separacionistas de gramática dizem respeito aos modelos teóricos em que as informações fonológicas estão dissociadas das informações gramaticais, ou seja, os mecanismos que produzem a forma de expressões sintáticas complexas estão separados dos mecanismos que produzem suas formas fonológicas correspondentes, e essas últimas deverão ser inseridas posteriormente (cf. <http://www.ling.upenn.edu/~rnoyer/dm/#Separationism>).

¹⁷ Assumimos que as raízes são destituídas de conteúdo fonológico, tal como Pfau (2009) e Siddiqi (2009). Para uma visão de raiz com conteúdo fonológico ver Embick (2010).

-Lista 3 (Enciclopédia): contém as entradas enciclopédicas que relacionam os IV a significados. Na lista 3, também estão localizadas as informações extralinguísticas, relacionadas à interpretação semântica dos objetos formados pela sintaxe, tais como significados idiomáticos e interpretações particulares das raízes em um contexto sintático-semântico específico.

Com isso, a arquitetura da gramática sofre algumas reformulações, e passa a ser esquematizada como na Figura 1, abaixo, adaptada de Siddiqi (2009, p. 14):

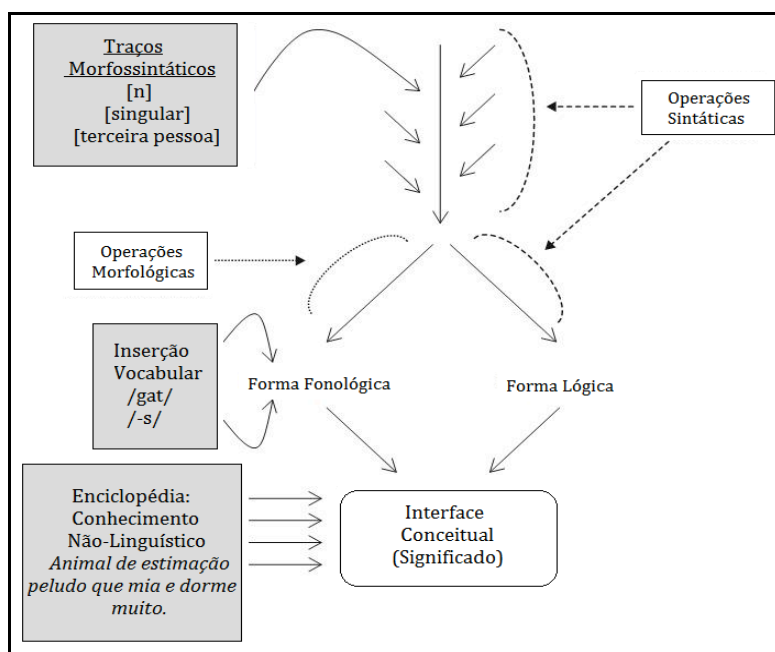


Figura 1: Arquitetura da gramática para a MD.

A Lista 3, tópico central deste artigo, é um assunto que suscita diversas questões no modelo e, ainda, não conta com muitos trabalhos que discutam especificamente seu (i) conteúdo, assim como sua (ii) função e (iii) pontos da gramática em que é acessada. Como mencionado na Introdução, os principais teóricos do modelo dividem-se entre aqueles que assumem um acesso exclusivo da Lista 3 à interface semântica (LF, forma lógica), e outros que assumem um acesso à interface conceitual, a qual, por sua vez, tem acesso tanto à interface semântica quanto à interface fonológica (PF, forma fonética).

Desde o modelo em Y da gramática (cf. CHOMSKY, 1981), LF e PF recebem a derivação do componente sintático sem qualquer comunicação entre seus níveis de representação. Uma visão alternativa foi dada pela Fonologia Lexical (cf. KIPARSKY, 1982), a qual propunha um interacionismo entre os componentes da gramática, no qual as peças concatenadas pelo componente morfossintático eram simultaneamente interpretadas fonológica e semanticamente, e

uma nova interpretação ocorria toda vez que outra peça era concatenada. Tendo em vista a arquitetura da gramática da MD, acreditamos que uma interface entre PF e LF pode se dar via Lista 3, no momento em que essa acessa a interface conceitual.

Esse acesso, por sua vez, garantiria uma checagem do que foi criado pela fonologia e aquilo interpretado por LF. Com isso, a construção dos domínios da frase entoacional (I) e do enunciado fonológico (U), que necessitam de informações semântico-discussivas (cf. NESPOR; VOGEL, 1986), poderiam ser avaliadas após a sua formação no componente fonológico. Na visão em que apenas LF acessa a interface conceitual, e PF não, as informações fonológicas não são avaliadas pela Lista 3, assim como PF não terá seus domínios prosódicos avaliados pelo conteúdo enciclopédico.

Nesse sentido, a Lista 3 deve ser vista como um filtro. Nela, existem informações concernentes ao conhecimento de mundo do falante, que viabilizam ou não a interpretação de uma raiz em determinado contexto (e.g., $\sqrt{\text{GATO}}$: (i) mamífero, (ii) homem bonito; (iii) ligação clandestina de fios, etc.), tal como a interpretação de construções sintáticas (e.g., expressões idiomáticas), e a adequação prosódica da estrutura fonológica com determinado conteúdo semântico veiculado¹⁸.

Além do acesso à interface conceitual, assumimos que a Lista 3 detém um papel fundamental no desencadeamento de marcas pragmáticas e estilísticas nos processos de formação de palavras, ao influenciar a inserção de vocabulário. De acordo com nossa hipótese, é essa influência da Lista 3 que promove a redução de segmentos fonológicos, dando origem aos *blends*, truncamentos e hipocorísticos no PB. Se estivermos corretos, a Lista 3 deve acessar a inserção de vocabulário promovida pela Lista 2 (Vocabulário), como indica a seta saindo da Lista 3 para o Vocabulário, na Figura 2, a fim de desencadear tais efeitos pragmáticos.

Assim sendo, nossa reformulação da arquitetura da gramática para a MD fica como na Figura 2, com uma interferência da Lista 3 na inserção de vocabulário. Assumimos, como Embick e Noyer (2001), que a inserção de vocabulário se dá no componente morfológico, pois após a inserção ainda podem ocorrer operações de movimento pós-sintático, tal como deslocamento local (do inglês, *local dislocation*), e a troca de IVs reanalisados, como nos *blends* semânticos:

¹⁸ Nas línguas de sinais, por exemplo, é importante que determinado gesto seja acompanhado de uma expressão facial correspondente ao conteúdo semântico veiculado, a fim de garantir uma realização satisfatória do sinal. Caso a expressão facial, responsável pelas marcas prosódicas, não seja compatível, o interlocutor não poderá determinar se o enunciado deve ser interpretado como uma interrogação, uma afirmação, surpresa, ironia, etc.

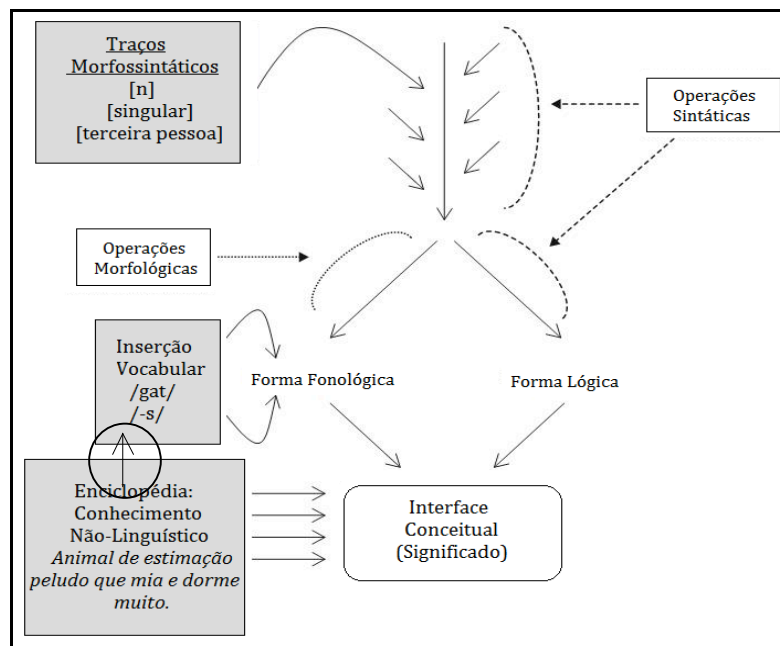


Figura 2: Arquitetura da gramática para a MD reformulada.

Essa proposta distancia-se da proposta de Scher (2013) que, ao analisar as formas truncadas do PB, propõe um morfema avaliador [Eval] responsável por promover a leitura apreciativa na estrutura sintática. Não vamos entrar nos detalhes dessa análise, mas consideramos que a presença de categorias avaliativas que tenham como função dar conta de uma leitura estilística/apreciativa não deve estar presente durante a computação sintática e necessita de uma maior motivação.

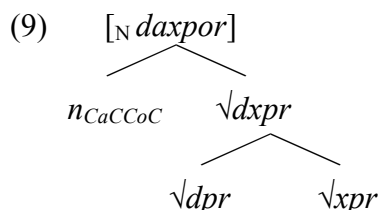
Na próxima seção, vamos tratar dos elementos que constituem um *blend*, discutindo quais os primitivos que estão em jogo para sua formação na MD, se (i) uma única raiz, resultado da fusão de duas raízes e categorizada uma única vez, ou (ii) duas raízes categorizadas separadamente.

2.1. *Blends* como raízes ou como palavras.

Fazendo uso da MD, Pham (2011) argumenta que os *blends* do hebraico moderno são formados por duas palavras – ou seja, duas raízes categorizadas separadamente, de acordo com a hipótese (ii) mencionada no final da seção anterior – em vez de serem formados por duas raízes fundidas. A ideia de que os *blends* poderiam ser formados por raízes provém, naturalmente, do próprio sistema morfológico da língua hebraica, que forma palavras com base em raízes tri-consonantais e padrões vocálicos (verbais e nominais), os quais fornecem: (i) informação categorial de nome, adjetivo, verbo, etc; (ii) tornam as raízes pronunciáveis e (iii) trazem informações gramaticais, tais como voz, estrutura argumental, etc. (cf. ARAD, 2003; MINUSSI, 2012).

De acordo com o autor, se assumirmos que os *blends* são formados por duas raízes, temos a seguinte estrutura para um *blend* como *daxpor* ‘escavadeira’, descrito em (8) e representado estruturalmente em (9):

$$(8) \quad [v \text{ daxaf}] \quad + \quad [v \text{ laxpor}] \quad = \quad [N \text{ daxpor}] \\ \text{‘empurrar.PST.3.SG.MASC’} \quad \text{‘cavar.INF’} \quad \text{‘escavadeira’}$$



Como podemos observar em (9), o *blend* decorre da fusão de duas raízes, a qual é categorizada, posteriormente, por um padrão vocálico nominal. Da mesma forma, os demais *blends* da língua, tais como aqueles em (10), seriam explicados da mesma maneira:

$$(10) \quad \begin{array}{lll} \text{a)} & [A \text{ šmanman}] + [A \text{ namux}] = [A \text{ šmaunmux}] \\ & \text{‘roliço/cheio’} \quad \text{‘curto’} \quad \text{‘atarracado’} \\ \text{b)} & [N \text{ pri}] + [NYogurt] = [N \text{ prigurt}] \\ & \text{‘fruta’} \quad \text{‘iogurte’} \quad \text{‘iogurte de fruta’ (marca)} \\ \text{c)} & [N \text{ cfarde?a}] + [N \text{ xargol}] = [N \text{ cfargol}] \\ & \text{‘rã’} \quad \text{‘gafanhoto’} \quad \text{‘alfinete em forma de rã ou} \\ & \quad \quad \text{gafanhoto’} \end{array}$$

(PHAM, 2011, p. 17)

No entanto, se tomarmos o *blend* *prigurt* ‘marca de iogurte de fruta’, em (10)a, e avaliarmos a hipótese de formação do *blend* a partir de uma única raiz, teremos como resultado uma raiz composta pelas seguintes consoantes: \sqrt{prgrt} . Entretanto, Pham (2011) elenca alguns possíveis problemas para essa análise.

Em primeiro lugar, para que a raiz \sqrt{prgrt} se torne um nome, é necessário que ela se concatene a um categorizador *n* durante a derivação sintática, o qual, como vimos, é realizado em hebraico por um padrão vocálico nominal (cf. MINUSSI, 2012), tal como $miCCeCet$ ¹⁹, o qual forma a palavra *misgeret* ‘quadro/moldura’ a partir da raiz \sqrt{sgr} . Assumindo que podemos tomar um mesmo padrão vocálico para formar outros nomes, esperaríamos que fosse possível formar um nome utilizando a raiz fundida \sqrt{prgrt} mais um padrão vocálico nominal da língua como $miCCeCet$, por exemplo, **mipregert*. Contudo, como foi observado por Pham (2011), a

¹⁹ A letra C corresponde ao lugar que será ocupado por uma consoante da raiz.

concatenação dessa e de outras raízes de *blends* a padrões nominais existentes na língua, é impossível.

Em segundo lugar, temos, como consequência da análise de *blends* formados a partir de raízes fundidas, a previsão de um número vasto de padrões vocálicos nominais, isto é, um para cada nova raiz extraída de um *blend*. Tomando, por exemplo, o *blend demoktator* ‘um democrata que se comporta como um ditador’, em (11), preveríamos que esse *blend* é formado por uma raiz \sqrt{dmkttr} e necessitaria se concatenar com um núcleo definidor de categoria *n* que é realizado pelo padrão CeCoCCaCoC, segundo Pham (2011). Para o autor, essa é uma análise indesejável, pois seria criado um padrão vocálico exclusivo a essa raiz.

$$(11) \begin{array}{l} [N \textit{demokrat}] \\ \textit{‘democrata’} \end{array} + \begin{array}{l} [N \textit{diktator}] \\ \textit{‘ditador’} \end{array} = [N \textit{demoktator}] \\ \textit{‘democrata que se comporta como um} \\ \textit{ditador’}$$

Em terceiro lugar, os *blends* são formados por palavras flexionadas. O prefixo *mit-*, no exemplo em (12), pertencente ao padrão vocálico verbal hiCaCCeC, permanece no *blend* após a mesclagem; apesar do *blend* formado não ter relação morfológica com o padrão vocálico verbal das palavras-fontes. Observando o exemplo em (12), o prefixo pode ser analisado como parte da primeira palavra-fonte:

$$(12) \begin{array}{l} [V \textit{mištaxcen}] \\ \textit{‘ostentação.PRT.SG.MASC’} \\ \textit{insolente’} \end{array} + \begin{array}{l} [V \textit{mitxacef}] \\ \textit{‘ser insolente. PRF.masc’} \end{array} = [V \textit{mištaxcef}] \\ \textit{‘ser orgulhoso e}$$

Em resumo, podemos concluir que os *blends* não são formados a partir de duas raízes fundidas (tal como sugerido pela hipótese (i)), como vimos em (9), tampouco pela mescla de duas palavras na sintaxe, como vimos em (11), por meio dos argumentos trazidos por Pham (2011). O que vamos tomar da discussão realizada por Pham (2011) é que os *blends* são, na verdade, formados por palavras (i.e., raízes já categorizadas) e não por raízes isoladas, uma alternativa que seria possível dentro da MD. Essa hipótese se tornará mais clara quando discutirmos as hipóteses apresentadas em (7).

Na próxima seção, forneceremos uma análise alternativa para a formação dos *blends*, dentro de uma visão não-lexicalista, assumindo que *blends* são o resultado da mesclagem de duas palavras, i.e. duas raízes categorizadas separadamente, a qual é desencadeada pelo acesso da Lista 3 logo após a inserção de vocabulário.

3. Mapeando os *blends*

Tendo observado as características gerais dos *blends*, podemos, a partir de agora, resumir algumas informações essenciais que devem ser levadas em consideração em uma análise sintática para esses dados, tal qual a que será desenvolvida nesta seção. Além disso, antes de

apresentarmos nossa análise, testaremos as hipóteses levantadas em (7), a partir dos dados do PB, a fim de chegar a uma resposta para as perguntas levantadas no final da seção 1.

Primeiro, o processo de formação dos *blends* respeita os limites existentes entre nós terminais sintáticos. Isso significa que, quando ocorre a mesclagem, os expoentes fonológicos das informações gramaticais não são apagados parcialmente, por exemplo, um categorizador nominal como *-or(a)*, e.g. *cantora*, não tem apenas alguns de seus segmentos fonológicos apagados: ou o morfema é apagado como um todo, ou ele permanece como um todo. É por essa razão que não encontramos um *blend* como **cantotriz* ou **cantortriz*, mas sim *cantriz* < *cantora* + *atriz*²⁰.

Contudo, ainda não está claro se, na formação dos *blends*, a palavra-fonte na primeira posição mantém algumas de suas informações gramaticais intactas, já que um determinado segmento fonológico pode ser interpretado tanto como pertencente à primeira palavra-fonte quanto à segunda, nos casos em que há sobreposição de segmentos. Isso é o que ocorre em *blends* como *roubartilhar* < *roubar* + *compartilhar*, em que a vogal ‘a’ pode ser tanto a vogal temática de *roubar* quanto um segmento vocálico de *compartilhar*; ou como em *roubodizio* < *roubo* + *rodizio*, em que a vogal ‘o’ pode ser interpretada tanto como a vogal temática de *roubo* quanto um segmento vocálico da primeira sílaba de *rodizio*.

Avaliando as hipóteses, podemos elencar as seguintes conclusões. Sobre a hipótese (7)a), a qual afirmava que os *blends* são derivados na sintaxe como núcleos complexos em que sua estrutura carrega um núcleo funcional responsável por desencadear seu encurtamento, temos os seguintes diagnósticos: a) a afirmação poderia ser vista como um possível *look-ahead*, pois o *input* responsável por encurtar a estrutura em PF já seria dado na sintaxe; além disso, b) se os *blends* tivessem a estrutura de um composto, já que são núcleos complexos, o que diferenciaria um composto como *cantora-atriz* de um *blend* como *cantriz*?

A respeito da hipótese (7)b), a qual afirmava que os *blends* são o resultado da estrutura sintática reajustada no componente morfológico via fusão de nós terminais, acreditamos que ela não é plausível, pois se, de fato, os *blends* fossem formados pelas operações de reajuste estrutural no componente morfológico, não encontraríamos morfemas gramaticais realizados no *blend*, tal como as informações de número e pessoa (3P.SG) da palavra-fonte *mente* em *cartomente* < *cartomante* + *mente*. Vejamos que a informação de pessoa não é uma informação encontrada em nomes.

A terceira hipótese lançada em (7)c) diz respeito ao fato dos *blends* serem o resultado de uma mescla abrupta no componente fonológico. Se essa hipótese estivesse correta, encontraríamos morfemas realizados parcialmente, o que não ocorre. Vimos isso com o categorizador nominal *-or(a)*, em *cantriz*, em que os limites entre os expoentes fonológicos dos nós funcionais são preservados na mesclagem. Outro exemplo contrário a essa hipótese é o *blend* *namorido* < *namorado* + *marido*, cuja ocorrência como **namor-ad-ido*, com o sufixo nominalizador *-ado* realizado parcialmente, é impossível, assim como é impossível a ocorrência de **namor-a-ido*, apenas com a primeira parte do sufixo *-ado* realizada.

Na próxima seção, contrariando as hipóteses supramencionadas, mostraremos como os *blends* devem ser formados, em uma derivação passo-a-passo.

²⁰ É válido mencionar que não há regras de reajuste fonológico ocorrendo dentro de palavras que foram mescladas. Por exemplo, no inglês, quando o falante faz um *blend* entre *cook* ‘cozinhar’ e *boil* ‘fervir’, o resultado obtido é *coil* e não *goil*, sem a sonorização da velar [k] (cf. PFAU, 2009).

3.1 Derivando um *blend* passo-a-passo

Dentro de um modelo como a MD, a formação dos *blends* parte de uma estrutura gerada pelo componente sintático. O primeiro passo, portanto, é a combinação dos primitivos fornecidos pela Lista 1 – raízes e morfemas abstratos – através das operações sintáticas *Merge* e *Move*. Levando em consideração os elementos retirados da Lista 1, podemos verificar uma primeira diferença na derivação dos tipos de *blends*, a saber: os *blends* fonológicos e os *blends* semânticos, contrariamente aos *blends* morfológicos, serão formados a partir de duas raízes categorizadas, em uma configuração semelhante à de um sintagma.

No entanto, para os *blends* morfológicos, defendemos que esses são formados por apenas uma raiz, de modo que o segundo constituinte do *blend* funciona como um sufixo e a sua formação sintática ocorre como a de uma palavra derivada, em que há uma raiz e um afixo. O caráter afixal do segundo elemento em um *blend* morfológico deriva de seu comportamento preso e recorrente, semelhante a um *splinter* (cf. BAUER 2005, GONÇALVES, 2011), ou seja, “pedaços de palavras utilizados com fins lexicais e geralmente resultam de processos de fusão vocabular” (cf. GONÇALVES, 2011, p. 71). Em nossa análise, são considerados casos de *splinters* elementos como *-tone*, encontrado em *panetone*, *chocotone*, e *-trocínio*, que foi truncado da palavra *patrocínio* e reutilizado em *blends* como *capestrocínio*, *irmãotrocínio*, *paitrocínio*, etc. (cf. GONÇALVES, *op. cit.*).

Resumimos, na Tabela 3, abaixo, a distribuição configuracional dos *blends* na sintaxe:

<i>Blends</i> Fonológicos	<i>Blends</i> Morfológicos	<i>Blends</i> Semânticos
-são sintagmas comuns	-são formados como palavras derivadas	-são sintagmas comuns
e.g., <i>cartomante</i> + <i>mente</i>	e.g., $\sqrt{\text{choco-tone}}$	e.g., <i>boadastra</i> < <i>boa</i> + <i>madrasta</i>

Tabela 3: Configuração sintática da derivação dos tipos de *blends*.

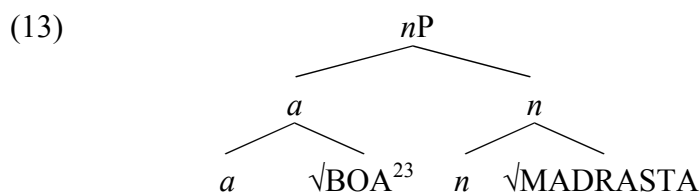
O próximo passo da derivação é o envio da estrutura sintática para as interfaces fonética (PF) e semântica (LF). Em LF, com a intervenção da Lista 3, o *blend* será interpretado. Por sua vez, no caminho para PF, onde se localiza o componente morfológico, serão inseridos os IVs nos nós terminais gerados pela sintaxe, por meio de uma operação de inserção de vocabulário.

É nesse ponto da derivação, após a linearização da estrutura sintática e inserção de vocabulário, que deve ocorrer um acesso da Lista 3. Esse acesso desencadeia o *input* para a mesclagem, já que o acesso da Lista 3 licencia o apagamento de material fonológico, a fim de criar determinado efeito estilístico. Portanto, o apagamento fonológico ocorrerá de acordo com a quantidade de segmentos fonológicos idênticos presentes nas palavras-fontes, a partir dos seguintes critérios:

- (i) Se há similaridades fonológicas entre os dois elementos constituintes e esses elementos são formados por duas raízes, as palavras-fontes sofrerão uma sobreposição e, como resultado, teremos um **blend fonológico**.
- (ii) Se não houver segmentos fonológicos idênticos, as palavras-fontes deverão se sobrepor nos pontos em que há um alto grau de similaridade suprasegmental, por exemplo, sílaba acentuada²¹, resultando em um **blend morfológico**.
- (iii) Nos casos de **blends semânticos**, há uma reanálise de segmentos de uma das palavras-fontes. Isso acontece quando o acesso da Lista 3 ao resultado da inserção de vocabulário reinterpreta segmentos fonológicos como uma raiz, e causa a substituição dos segmentos reanalisados por segmentos equivalentes a outra raiz com traços enciclopédicos²² opostos.

Nos *blends* fonológicos e morfológicos, ocorrerá a sobreposição de segmentos ou de partes suprasegmentais idênticas conforme descrito pelos trabalhos de cunho fonológico (cf. GONÇALVES, 2003a, 2003b, 2004 e 2006). Nos *blends* semânticos, por outro lado, deverá haver um cálculo enciclopédico, a fim de promover a reanálise e a substituição do IV raiz reanalisado.

A partir de agora, mostraremos como se dá a derivação de um *blend* semântico pormenorizadamente. Observemos, de início, a estrutura sintática que sofrera encurtamento, em (13):



Ainda durante a computação sintática, as duas raízes que formarão o *blend* devem ser concatenadas seguindo os mesmos princípios de concatenação sintática, via operação *Merge*. Para ilustrar como ocorre o acesso da Lista 3 à inserção de vocabulário, tomemos o *blend*

²¹ Ver Gonçalves (2003a), para casos como *portunhol* < *português* + *espanhol*, *espaguês* < *espanhol* + *inglês* e *cariúcho* < *carioca* + *gaúcho*.

²² Traços enciclopédicos dizem respeito aos traços contidos na raiz. Esses traços são comumente chamados de semânticos, porém, de modo equivocado. Acreditamos que os traços semânticos relevantes para a sintaxe são outros, e os traços contidos na raiz são de ordem enciclopédica, já que correspondem a informações concernentes ao nosso conhecimento de mundo. Por exemplo, se tomarmos a raiz √GATO, e reunirmos seus traços principais como: felino, peludo, que ronrona, etc., não podemos dizer que essas informações estão para traços semânticos como definitude, animacidade, contável, etc, mas são informações derivadas de nosso conhecimento de mundo com relação a esse referente.

²³ A raiz √BOA representa um conjunto de traços semântico-enciclopédicos que são interpretados como qualidades do tipo “bom”, “positivo”, “amável”, etc. Devemos lembrar que nesse ponto da derivação ainda não há conteúdo fonológico para as raízes.

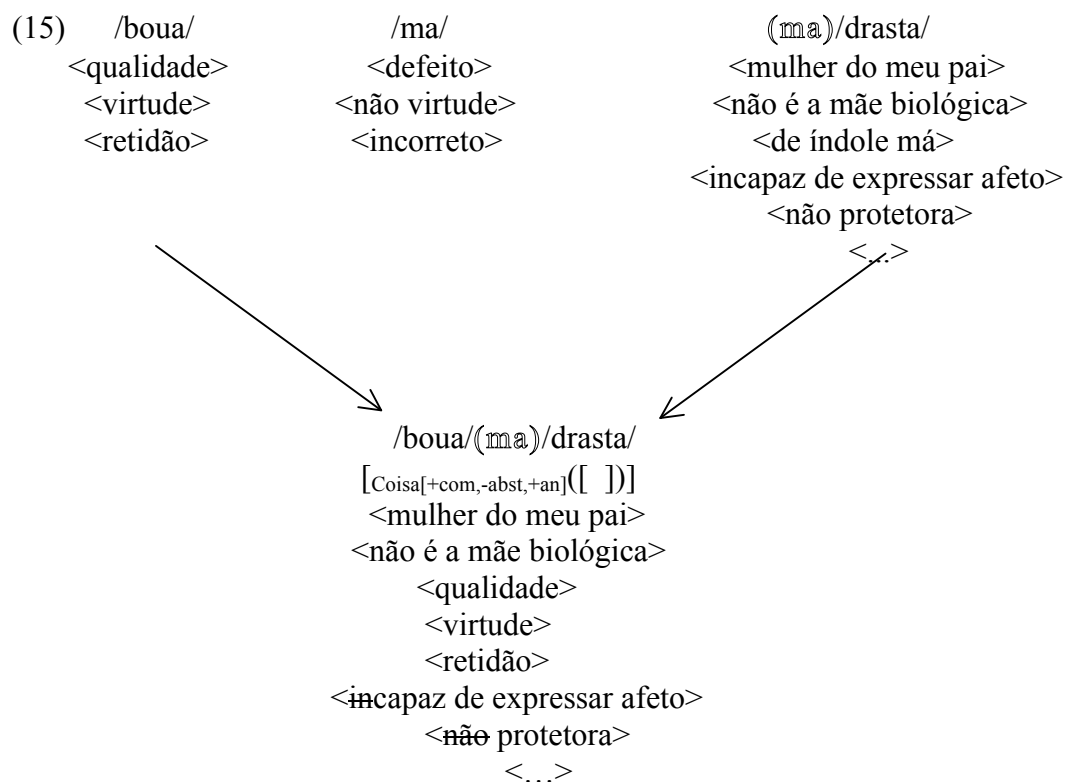
semântico *boadrasta* < *boa* + *madrasta* como exemplo. Teremos, após a inserção de vocabulário, uma checagem de traços enciclopédicos como em (14):

(14)	/boua/ [- Dinamic, + escalar [+com, -abst, +an]([])] <qualidade> <virtude> <retidão>	/ma.drast.a/ [coisa [+com,-abst,+an]([])] <mulher do meu pai> <não é a mãe biológica > <mulher ruim> <incapaz de expressar afeto> <não é protetora> <...>
------	---	---

Na primeira linha do esquema em (14), temos os IVs inseridos para uma estrutura como em (13). Na segunda linha, temos alguns traços que são considerados primitivos semânticos por Lieber (2004), implementados por Bisetto e Scalise (2005) para ilustrar a (in)compatibilidade de traços na formação de nomes compostos. A partir da terceira linha, temos traços que podem ser considerados enciclopédicos, os quais não são traços formais e, portanto, não são lidos na computação sintática, conforme mencionado na nota 22, mas que devem ser considerados na interface conceitual, pois são relevantes para a interpretação das raízes. Esses traços enciclopédicos variam de falante para falante, pois são adquiridos e organizados de acordo com a cultura e experiências particulares de mundo de cada indivíduo.

Por meio desses traços enciclopédicos, a Lista 3 desencadeia uma análise enciclopédica capaz de promover processos responsáveis por gerar efeitos estilísticos na sequência linearizada. Dessa forma, em *boadrasta*, o resultado do acesso enciclopédico é uma reanálise produzida por meio da incompatibilidade de traços enciclopédicos. No caso ilustrado, podemos, hipoteticamente e de modo ilustrativo – pois não ainda há como dizer exatamente, e de maneira mais refinada, quais traços enciclopédicos estão em jogo no momento da reanálise – observar que a sílaba /ma/, reanalisada como um segmento independente, em analogia à raiz √MÁ, possuidora de traços como <defeito>, <incorreto>, <não virtude>, é apagado e os segmentos restantes são fundidos com os segmentos da raiz √BOA, a qual já sofreu inserção de vocabulário e é detentora de traços enciclopédicos opostos²⁴. A reanálise para a formação de *boadrasta*, tal como hipotetizamos, está ilustrada em (15):

²⁴ Deve ficar claro, no entanto, que a raiz √MÁ não é inserida e apagada posteriormente. O que acontece, na verdade, é que parte dos segmentos da palavra *madrasta* (já preenchida com os IVs) é reinterpretada, com a intervenção da enciclopédia, como a raiz √MÁ, o que ocasiona o apagamento do segmento /ma/ e não de outros antes da mesclagem entre /boa/ e /drasta/. Nesse sentido, nem *madrasta*, nem *boadrasta* são derivados da raiz √MÁ, tal como observado por um dos pareceristas.



O mesmo cálculo ocorrerá em *blends* como *bebemorar*, *boacumba*, *acãoxonados*, em que os segmentos sublinhados são substituídos, via a análise enciclopédica. No caso de *bebemorar* < *beber* + *comemorar*, por exemplo, os segmentos da palavra-fonte *comemorar* são reanalisados em /come/ e /morar/, seguido de uma substituição de /come/ por /bebe/, os quais possuem traços enciclopédicos distintos. Já para a formação de *acãoxonados* < *apaixonados* + *cão*, há uma reanálise dos segmentos de *apaixonados* em /pai/ e /a__xonados/, seguida da substituição de /pai/ por /cão/. Nesse último caso, não há uma oposição de traços enciclopédicos, como vimos em *boadrasta* < *boa* + *madrasta*, mas há uma troca influenciada pela denotação de entidades de um mesmo tipo (e.g., +animado, -abstrato, etc.) entre *pai* e *cão*.

Considerações finais

Ao longo de todo o trabalho, dois pontos foram ressaltados. O primeiro é que o *input* para a formação de um *blend* é enciclopédico, de modo que a sobreposição de segmentos similares é um epifenômeno e não uma exigência para a sua criação. Em segundo lugar, a respeito da arquitetura da gramática proposta pela MD, defendemos que deve haver um acesso da Lista 3 logo após a inserção de vocabulário, a fim de nortear o apagamento ou a reanálise de segmentos de uma das palavras-fontes, com intuito de gerar efeitos estilísticos.

Além disso, mostramos que os *blends* não são o resultado de bloqueio na inserção de material fonológico, mas são, na verdade, apagamento de material fonológico inserido, visto que é necessário (i) reconhecer segmentos idênticos para que haja sobreposição, tal como nos *blends* fonológicos; (ii) reconhecer informações suprasegmentais para permitir a mesclagem nos *blends* morfológicos e (iii) promover a inserção de material fonológico para que segmentos sejam reanalisados nos *blends* semânticos.

The Syntax-Pragmatics interface in word-formation: evaluating the Encyclopedia's access points in the Architecture of Grammar

ABSTRACT: This paper explores the syntax-pragmatics interface in word formation, more precisely, stylistic effects caused by phonological segments reduction found in blended words (e.g., *bebemorar* ‘celebrate drinking’ < *beber* ‘drink’+ *comemorar* ‘celebrate’). Based on a non-lexicalist approach to grammar, viz. Distributed Morphology framework, we argue that the input for pragmatic evaluation occurs when Encyclopedia - commonly known as List 3 - accesses the morphological component (MS). This encyclopedic access triggers (i) the deletion of phonological segments present in Vocabulary Items (VI), (ii) the overlapping of identical phonological segments, or (iii) a replacement of a VI based on an encyclopedic features evaluation present in List 3.

Keywords: Encyclopedia; blending; pragmatic-syntax interface; Distributed Morphology.

REFERÊNCIAS

ADAMS, V. *An Introduction to modern English Word formation*. Londres: Longman, 1973.

ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.

ARAD, M. Locality constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 21 p. 737-778, 2003.

BASILIO, M. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, 2005.

_____. Fusão Vocabular Expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, p. 201-210, 2010.

BAT-EL, O. Selecting the best of the worst: the grammar of Hebrew blends. *Phonology and Linguistic Theory*, v. 12, p. 571-596, 1996.

_____. Blend. In: BROWN, K. (org.) *Encyclopedia of Language & Linguistics*. 2ª Ed., volume 2. Oxford: Elsevier, p. 66-70, 2006.

BAUER, L. *English Word-formation*. Londres: Cambridge University Press, 1983.

_____. The Borderline between Derivation and Compounding. In: DRESSLER, W. *et al.* (orgs.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108, 2005.

BISETTO, A.; SCALISE, S. The Classification of Compounds. *Lingue e Linguaggio*, v. 2, p. 319-330, 2005.

BRDAR-SZABÓ, R.; BRDAR, M. On the marginality of lexical blending. *Jezikoslovlje*, v. 9, n. 1-2, p. 171-194, 2008.

CANNON, G. Blends in English word formation. *Linguistics*, v. 24, n. 4, p.725-753, 1986.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding: the Pisa lectures*. Dordrecht: Foris Publications Holland, 1981.

_____. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (org.) *Ken Hale: A life in language*. Cambridge, Mass.:MIT Press, p.1-52, 2001.

EMBICK, D. *Localism vs Globalism in Morphology and Phonology*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2010.

EMBICK, D.; NOYER, R. Movement operations after Syntax. *Linguistic Inquiry*, v. 32, n. 4, p. 555-595, 2001.

_____. Distributed Morphology and the syntax-morphology interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (orgs.) *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford, UK: Oxford University Press, p. 289-324, 2007.

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1905].

GONÇALVES, C. A. V. Cruzamento Vocabular em Português: A questão das fronteiras com outros processos de criação de palavras. III Congresso Nacional da ABRALIN. *Anais do III Congresso da ABRALIN*. Niterói: UFF – Centro de Estudos Gerais, v. 1, p. 824-831, 2003a.

_____. *Blends* lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas - Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v.7, n.1-2, p. 149-167, 2003b.

_____. Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional. *Alfa*. São Paulo, n. 48, v. 1, p. 9-28, 2004.

_____. A Ambimorfemia de cruzamentos vocabulares: uma abordagem por ranking de restrições. *Revista da Abralín*, v. 5, n.1, p. 169-183, 2006.

_____. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno Estudo de Casos. *Revista Eletrônica de Linguística*, Volume 5, nº 2 – 2º Semestre, 2011.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 11, p. 75-85, 2007.

GRIES, S. T. Some characteristics of English morphological blends. In: ANDRONIS, M. et al (orgs.) *Papers from the 38th meeting of the Chicago Linguistics Society: the Panels*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 2004.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. K. (orgs.) *The View from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass: MIT Press, p. 111-176, 1993.

HARLEY, H. Semantics in Distributed Morphology. In: MAIENBORN, C.; VON HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (orgs.). *An International Handbook of Natural Language Meaning*. Vol. 3. Berlin: Mouton de Gruyter, no prelo.

HARLEY, H.; NOYER, R. Formal versus encyclopedic properties of vocabulary: Evidence from nominalisations. In: PETERS, B. (org.) *The Lexicon-Encyclopedia Interface*. Amsterdam: Elsevier, p.349-374, 2000.

ITÔ, J. Prosodic minimality in Japanese. In: ZIOLKOWSKI, M. et al (orgs.) *CLS*, v. 26, n. 2. Chicago: Chicago Linguistic Society, p. 213-239, 1990.

KELLY, M. H. To ‘brunch’ or to ‘brench’: Some aspects of blend structure. *Linguistics*, v.36, p. 579-590, 1998.

KIPARSKY, P. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. van der HULST, H.; SMITH, N. (orgs.) *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, p.131-175, 1982.

KUBONOZO, H. Syntactic and rhythmic effects on downstep in Japanese. *Phonology*, v. 6, p.39-67, 1989.

_____. Phonological constraints on blending in English as case for phonology-morphology interface. *Yearbook of Morphology*, v. 3, p. 1-20, 1990.

LIEBER, R. *Morphology and Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge: University Press, 2004.

LÓPEZ RÚA, P. On the structure of acronymus and neighbouring categories: a prototype based account. *English Language and Linguistics*, v. 6, n. 1, p. 31-60, 2002.

MARANTZ, A. 'Cat' as a Phrasal Idiom, manuscrito, MIT, 1996.

_____. No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, L. S.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. (orgs.) *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*, v. 4, n. 2, p. 201-225, 1997.

MINUSSI, R. D. *Os sabores do nome: um estudo sobre a seleção de argumentos e as nominalizações do hebraico*. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

NISHIHARA, T; van de WEIJER, J.; NANJO, K. Against headedness in compound truncation: English compounds in Japanese. In: van de WEIJER, J.; NISHIHARA, T. (orgs.) *Issues in Japanese phonology and morphology*. Berlim: Mouton de Gruyter, p. 299-324, 2001.

NÓBREGA, V. A. *Tópicos em composição: estrutura, formação e acento*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

PFAU, R. *Grammar as process: A Distributed Morphology account of spontaneous speech errors*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

PHAM, M. Idiomatic Root Merge in Modern Hebrew blends. *Proceedings of the Arizona Linguistics Circle 4, Coyote Papers: Working Papers in Linguistics*, v. 18, n. 1, 2011.

PIÑEROS, C.-E. Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish. *Rutgers Optimality Archive*, 2000.

RALLI, A. Compound Markers and Parametric Variation. *Language Typology and Universals (STUF)*, v. 61, p. 19-38, 2008.

RALLI, A.; XYDOPOULOS, G. J. Blend formation in Modern Greek. In: RENNER, V.; MANIEZ, F.; ARNAUD, P. (orgs.) *Cross-disciplinary perspectives on lexical blending*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

SCALISE, S.; BISETTO, A. The classification of compounds. In: LIEBER, R.; ŠTEKAUER, P. (orgs.) *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: OUP, p. 49-82, 2009.

SCHER, A. P. Concatenative affixation in Brazilian Portuguese truncated forms. In: *Proceedings of the Glow in Asia IX 2012: the main session*. Tsu: Mie University, p. 261-270, 2013.

SIDDIQI, D. *Syntax within the Word: economy, allomorphy, and the argument selection in Distributed Morphology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

Data de envio: 30/10/2013

Data de aceite: 19/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014